

Panorama, o Jornal sem Lugar: Apontamentos sobre uma Experiência Editorial no Interior do Brasil¹

Luísa Lis Andrade MAINARDES²

Hiago Rizzi ZANOLLA³

Eduardo Magalhães de OLIVEIRA⁴

Catarina FRANCEIRA⁵

Graduandos

José Carlos FERNANDES⁶

Doutor

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba (PR)

Resumo

Em 1974, a provinciana Londrina, no Norte Novo do Paraná – então um entreposto mundial de produção de café – assistiu à chegada de uma dezena dos mais talentosos jornalistas daquela geração. Eram oriundos da imprensa alternativa e da revista *Realidade*, a *Life* brasileira. Entre eles, o inventor do conto-reportagem, João Antônio, seguido de Mylton Severiano, José Trajano, Hamílton Almeida e Narciso Kalili. O grupo vinha a convite de um “barão” da comunicação, o ex-governador do Paraná Paulo Pimentel, com a incumbência de fundar um veículo moderno, capaz de alterar o eixo da informação, limitado a RJ-SP. O episódio foi breve. Em meados de 1975, rompeu-se o pacto entre Pimentel e os jornalistas. Seguiu-se a Geada Negra, que devastou os cafezais, selando o fim do jornal “indefinido”: a experiência do *Panorama* permanece à espera de um lugar na historiografia da imprensa.

Palavras-chave

História da mídia impressa; jornalismo regional; jornalismo e ditadura militar; revisionismo

Introdução: sob o signo da contradição

Em meados da década de 1970, um grupo de jornalistas estabelecidos, ligados à imprensa paulistana – particularmente à mídia alternativa e à revista *Realidade* –, migrou para o Norte do Paraná, incumbido de iniciar um projeto de cooperação com repórteres estreantes, atuantes na cidade de Londrina, então com 232 mil habitantes⁷. Desse encontro “fora do eixo” nasceu o jornal *Panorama*, diário em formato *standard* que circulou durante 20 meses, entre 1975 e meados de 1976, somando 547 edições – parte delas diagramadas com

¹ Trabalho apresentado no GT História de Mídia Impressa do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: luisalismainardes@gmail.com

³ Graduando em Jornalismo pela UFPR. Email: hiagotutra@gmail.com

⁴ Graduando em Jornalismo pela UFPR. Email: edududu.magalhaes@gmail.com

⁵ Graduanda em Publicidade e Propaganda pela UFPR. Email: catfranceira.cf@gmail.com

⁶ Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFPR. Graduado em Jornalismo, Filosofia e Belas Artes.

Professor do Departamento de Comunicação da UFPR. Email: zeca@ufpr.br

⁷ Dados do IBGE de 1970. A cidade tinha crescido 73% em relação a 1960.

requisites da cultura propagada pelo designer de jornais Reynaldo Jardim⁸ e dotadas de reportagens atemporais, no melhor do estilo magazine (VILAS BOAS, 1996). O *Panorama* surgiu sob a tutela de um dos maiores conglomerados de comunicação do estado, o posteriormente nominado Grupo Paulo Pimentel (GPP). O lide é banal, mas o episódio contradiz sua aparente frugalidade.

Como fazia nos dois jornais de sua propriedade, com sede em Curitiba, *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*, o empresário teve baixa ingerência editorial em *Panorama*, entregando-o a jornalistas reconhecidos. De qualquer modo, patrão e *publishers* eram visados pela ditadura. Pimentel tinha relações ambíguas com os militares, no melhor do estilo “morde e assopra”. Mesmo com circulação restrita ao Norte do Paraná, o *Panorama* se viu em situação de pilhagem (COSTA, FERNANDES, MARCHETTE, 2016) e sumiu, por ironia, debaixo de outro colonialismo – o da historiografia da imprensa, presa aos acontecimentos do eixo Rio-São Paulo. O episódio *Panorama* não ganhou menção à altura em nenhum compêndio sobre o assunto. É um meteoro, inclusive, no texto de referência *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (2018), de Bernardo Kucinski. Apesar da aura que deixou na cidade de Londrina, a trajetória do periódico está registrada apenas em depoimentos esparsos, deixados por seus participantes, o que faz da experiência um campo inédito de estudo de recepção.

Há uma outra justificativa para esse apagamento. O inusitado da parceria entre um empresário liberal – num sentido que a palavra não alcança hoje, se vista de forma anacrônica – e jornalistas “esquerdistas”, emprestando aqui a expressão usada por Nelson Rodrigues (1995), gerou um caso “inclassificável” na história da imprensa brasileira pós-64: o *Panorama* foi um periódico de resistência política e cultural – ao menos na voz expressa de seus editores e repórteres –, sustentado por um “barão” da comunicação com planos expansionistas (COSTA, FERNANDES, MARCHETTE, 2016). Trata-se de uma contradição de origem: idealizado de forma predatória, para quebrar um concorrente, o jornal *Folha de Londrina*, e se firmar como veículo de comunicação hegemônico num dos polos mundiais de produção cafeeira –, era escrito por estrelas das redações dos anos 1960-1970, uma categoria de profissionais com resistência bruta a enquadramentos funcionais (SEVERIANO, 2013).

⁸ Reynaldo Jardim (1926-2011) figura como demarcador da passagem da diagramação em que toda a mancha da página era ocupada – entre outros ruídos – para a inclusão dos espaços em branco e da confluência entre imagem e conteúdo (MOTTA, 2018).

A lista de “forasteiros”⁹ que formavam a redação inclui o escritor João Antônio (*Malagueta, Perus e Bacanaço; Abraçado ao meu rancor*), criador do conto-reportagem, um gênero híbrido que fez escola na revista *Realidade*, a *Life* brasileira; o repórter Mylton Severiano – que vai se tornar no futuro uma referência nos estudos da mesma *Realidade*; e profissionais tarimbados como José Trajano – hoje nome que se confunde com o jornalismo esportivo brasileiro; Narciso Kalili e Hamílton Almeida Filho. Juntos – reconhecem os remanescentes – chamaram atenção da sociedade londrinense, por terem hábitos mais cosmopolitas, liberdade, cultura elaborada e, no plano comportamental, protagonizarem romances com as jovens locais. “Pensei que ia ser assassinado”, disse, com humor, José Trajano, em entrevista¹⁰.

A lista exata dos que participaram da “aventura” londrinense é líquida, inconclusa e confusa. De ambos os lados – o dos veteranos e o dos novatos. Muitos dos jovens estudantes e jornalistas locais que se misturaram à trupe saíram dali para saltos ornamentais na imprensa – a exemplo da fotógrafa Elvira Alegre, dos escritores Domingos Pellegrini, Nílson Monteiro, do ex-diretor da TV Globo Wilson Serra e do editor Walter Schmidt, para citar alguns. Em resumo, a fama do *Panorama* extrapola a biografia dos seus expoentes, pois gerou protagonistas após o desaparecimento do jornal. Não poucos se dizem terem sido inspirados pelo que viveram na mocidade. Hoje reconhecidos, eram então iniciantes, mas seus nomes concorrem para aumentar a curiosidade em torno do periódico, “uma história que parece mentira”, daí ter – pelo que tudo indica – mais versões de mesa de bar do que estudos acadêmicos.

Parte dessa distorção se justifica: com o tempo, o jornal ganhou uma aura romântica e provoca uma cumplicidade reservada aos fracassos, mecanismo que é um padrão no imaginário brasileiro (CANDIDO, 2000). Com seu perpétuo rótulo de “o jornal que poderia ter sido”, consolidou-se como um mito da profissão, em especial na imprensa paranaense. De acordo com os depoimentos/entrevistas, à revelia das necessidades básicas – ter um emprego para sobreviver, por exemplo – os jornalistas coroados que se mudam para o Norte Paranaense estavam em busca de expressão em meio à zona cinzenta do regime militar, com

⁹ Expressão regional para definir aquele que vem de fora, desfrutar de alguma benesse local (MARTINS, 2000). Depoimentos atestam a recepção desconfiada da comunidade aos recém-chegados.

¹⁰ O presente artigo sobre o breve jornal *Panorama* teve início em 2019, num projeto de iniciação científica do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, condição na qual permanece. Parte do acervo do grupo é um conjunto de sete entrevistas e profundidade feitas com jornalistas de ambos os sexos que trabalharam na redação do *Panorama* desde seu planejamento, em 1974, até seu encerramento, em meados de 1976.

o qual estavam “encrencados”. A distante Londrina, a 536 quilômetros de São Paulo, lhes pareceu um Eldorado – e assim a trataram. Procuravam um trabalho que “valesse uma vida”, nos moldes da pregação da imprensa sessentista e nanica (MAURO JR, PONTE, 2010). Nesse sentido, o diário pode ter representado um rito de passagem para os envolvidos e para a sociedade em geral. Dali em diante, a chamada “Era Geisel” e sua miragem democrática (um “lento e gradual” que não se concretizava), a imprensa se viu atropelada, lenta e dolorosamente, pelos rigores da implantação do modelo industrial e pelos códigos corporativos aplicados ao mundo da comunicação (ABREU, 2002; GANDOUR, 2020; ZANINI, 2020). O nascimento, breve vida e morte do *Panorama* – ainda que pouco conhecido – ilustra esse momento.

O projeto não foi derrotado pela censura, como se quis acreditar e como repousa no imaginário local. Ainda que houvesse essa possibilidade no horizonte, deve-se contabilizar que ainda em meados de 1975 o time dos sonhos se retira do projeto. Kalili, Hamilton, Trajano e os demais, “uma dezena”, como dizem, voltam para São Paulo, ocupados de construir a imprensa *underground*. Sem as melhores cabeças, o *Panorama* se tornou, aos poucos, um sisudo jornal paranaense, como tantos outros. Poderia ter feito carreira com esse *layout*, mas veio a Geada Negra, no 18 de julho de 1975 que encerrou um capítulo da história do estado. Sem os cafezais paranaenses, a economia perdeu seu maior esteio e teve de buscar uma nova narrativa (SÁ JR, 2017). A empresa *Panorama* saiu abalada, a exemplo de outros setores. Concorreu, ainda, para o encerramento do jornal a própria imprensa local, que passou a qualificar os profissionais vindos de outras praças como um grupo invasor, minando a contribuição que traziam. Parte da responsabilidade também cabe aos ditos “colonialistas” que, à revelia do talento reconhecido, teriam idealizado um público leitor que não encontraram. Tratava-se de um jornal tão primoroso quanto inviável. Os especiais de lançamento do *Panorama* – com recortes aqui analisados – não encontraram leitores nas bancas, apesar da qualidade editorial oferecida. Eis a questão.

Paralelo a esses aspectos, o presente artigo se propõe a mostrar que o *Panorama* dialogou direta e indiretamente com duas linhagens editoriais fundantes da imprensa moderna no Brasil, o jornal *Última Hora*, criado em 1951, e a revista *Realidade*, que passou a circular em 1966. Ambos tinham foco no leitor – o qualificado e o comum (ABREU, 2002). O estudo tem como matéria-prima as próprias edições do jornal, sujeitas a análise de conteúdo, em especial a volumosa primeira edição; bibliografia de base sobre a imprensa durante a ditadura militar e depoimentos com jornalistas que participaram do jornal, a exemplo de José Serra,

Walter Schmidt, José Trajano e Elvira Alegre – que, posteriormente ao *Panorama*, trabalhou no alternativo *Ex-* e foi a única a fotografar o velório de Vladimir Herzog, em 1975.

Contextos: cultura, política e economia em ebulição

O grupo de jornalistas da imprensa paulistana convidado a colaborar na criação do jornal *Panorama* tinha boas razões para deixar a cidade grande e se mudar para o Norte Novo. Londrina foi oficializada como município em 1934. A jovem cidade nasceu debaixo de um plano urbanístico preocupado com a ocupação do solo, implantação de galerias pluviais, construção de escolas e pavimentação de ruas. O crescimento urbano era evidente e contínuo a cada década. Ao longo de 1970, também havia progresso na cultura e na economia (RIZZI *et al.* e, 2020). Destaque-se, em princípio, a cultura.

Se desde 1966, grupos armados de resistência à ditadura militar se articulavam em ações contra o regime, um outro grupo, no qual estavam os artistas, vivia revoluções à parte. “Ou você era da turma da militância política ou então desbundava, *dropped out* e partia pro sexo, drogas e rock’n’roll. Não tinha meio termo”, afirma o jornalista e produtor musical Nelson Motta (BARCINSKI, 2014, p. 30). Os “desbundados” se opunham aos “cucões”, identificados com formas de luta mais organizadas, ligados à esquerda conservadora e a partidos ou agremiações. O desbunde atentava à descoberta de novas sensibilidades, o rompimento das barreiras de gênero e mantinha certa distância da política partidária, na afirmação radical da liberdade individual (ALMEIDA, 2019).

Londrina, exceto pela distância, era mais próxima à capital paulista do que a Curitiba. “O que acontecia em São Paulo, acontecia em Londrina. Por isso, imaginávamos que o *Panorama* ia dar certo em tudo”, afirma o jornalista Nilson Monteiro (RIZZI *et al.* e, 2020). Em agosto de 1973, a cidade paranaense era palco do festival “Na Boca do Bode”, que em três dias reuniu apresentações de mais de 20 músicos locais iniciantes, também ‘desbundados’. Sob a produção do futuro *Panorama*, o jornalista e escritor Domingos Pellegrini, Arrigo Barnabé apresentaria *Clara Crocodilo*, faixa-título do aclamado álbum de 1980. Na plateia estava Elvira Alegre, que depois iria se juntar ao *Panorama* e deixaria o Paraná com jornalistas da primeira fase, em abril de 1975.

Some-se ao clima intelectual da “cidade deslocada”, o aspecto educacional. As universidades foram o primeiro palco para a cultura e os movimentos sociais, daí serem tão visadas pelo militarismo. As principais medidas do regime para o setor incluíram a extinção das cátedras, a estruturação das universidades em departamentos, o aumento do poder do governo na escolha dos reitores, a diminuição na participação dos estudantes nos órgãos

colegiados. Além disso, o regime alternava concessões e repressão ao tentar expandir as universidades enquanto buscava conter a oposição da comunidade acadêmica (EHRlich, 2017).

No Paraná, as iniciativas públicas de educação, à exceção da Universidade Federal do Paraná (UFPR), criada em 1912 e federalizada em 1950, remontam à década de 1960. Antes do fim do seu mandato como governador, em 1969, Paulo Pimentel decretaria a criação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), aliando justificativas oficiais, como o desenvolvimento econômico e adequação à legislação nacional, e interesses políticos enquanto “reafirmava sua vinculação ao ideário desenvolvimentista do governo autoritário federal ligado ao capital internacional” (STROPARO; MIGUEL, 2017).

Em Londrina, a presença da UEL fortaleceu também a política institucional. O jornalista Walter Schmidt destacou, em entrevista, Londrina como “berço da oposição da ditadura no Paraná, em torno do antigo MDB” e da universidade (RIZZI *et al.* f, 2020). Antes do *Panorama* chegar, em 1974, o jornal do movimento universitário *Levanta, sacode a POEIRA e dá a volta por cima*, ou simplesmente *Poeira*, marchava para se tornar um dos 25 jornais alternativos do país, entre mais de 150 do período militar, a sobreviver mais de cinco anos (FELISMINO, 2016, p. 5). Rui Fernando Barbosa, Domingos Pellegrini (professores), Marcelo Oiwaka, Nilson Monteiro, Roldão Arruda, Célia Regina de Souza e José Antonio Tadeu Felismino estiveram em ambos os veículos. Arruda relembra que “... estávamos fazendo o *Poeira* quando surge em Londrina o *Panorama*, com jornalistas de São Paulo. Ele significou uma revolução para nós em termos de aprendizado jornalístico” (*Ibidem*, 2016, p. 236).

No mais, o município de apenas 40 anos, à época epicentro da maior produção brasileira do café, era sinônimo de lugar que corria dinheiro – uma boa notícia para jornalistas acoçados pelos efeitos profissionais trazidos pelo AI-5 e sujeitos à instabilidade da imprensa alternativa, na qual militavam. Havia um segundo elemento: a solidez da proposta editorial feita pelo empresário Paulo Pimentel, segundo relatos. Com base em sete entrevistas em profundidade, recolhida pelo grupo de pesquisa “O breve jornal *Panorama*”, repórteres e editores ligados à primeira fase do projeto – que vai do convite, em meados de 1974, à demissão coletiva do grupo “forasteiro”, em abril-maio de 1975 – atestam que o empresário lhes acenou a possibilidade de produzirem um jornal moderno, no qual teriam liberdade editorial, formariam equipes e poderiam desfrutar de um prédio erguido especialmente para

abrigar uma redação de jornal (atualmente, sede de um banco). O tipo de jornalismo em profundidade e extensivo praticado na revista *Realidade*, criada em 1966; a irreverência da imprensa alternativa; a experiência acumulada por jornais como o *Última Hora* – entre outros sinalizadores positivos –, poderiam ser condensados sem que houvesse o risco eminente de não haver dinheiro para custear o idealismo da imprensa mais à esquerda, o que era comum nesses casos (SEVERIANO, 2013; MEDEIROS, 2009).

Essa combinação inesperada tinha, contudo, ingredientes tão idealistas quanto trágicos e se pode dizer que essas duas facetas se revelaram. Em meados de 1974, quando o grupo de jornalistas “de fora” se muda para Londrina para conceber o *Panorama*, tem início um idílio, a cuja memória não faltam tinturas épicas e poéticas. Fotos ilustram reuniões de trabalho com os jovens londrinenses que se integravam ao projeto, e também proximidade com jornalistas mais experientes, como Domingos Pellegrini – contista brasileiro que vai registrar franca influência de João Antônio, com o qual conviveu na redação.

Os seis meses, aproximados, em que jornalistas tarimbados catequizaram jovens repórteres nas lides da imprensa alternativa e no jornalismo de revista resultou num laboratório profícuo, que redundou nos três primeiros cadernos de lançamento do jornal, em 9 de março de 1975, analisados mais adiante. Todos os elementos do jornalismo moderno estavam ali condensados: pesquisas de público-alvo, perfil da população de Londrina, matérias literárias, inserções na realidade, atenção aos problemas sociais – a exemplo dos boias-frias. No dia em que todo esse material de leitura – passível de ser lido ainda hoje, com interesse – chegou às bancas de revista, não havia leitores o bastante. O volume de notícias, a ironia, o humor, os enfoques inesperados contrastavam com os índices de escolaridade, oscilantes entre o analfabetismo e alfabetismo funcional, então não registrados, mas hoje facilmente identificáveis.

Na década de 1960, o Paraná tinha mais de 40% de analfabetismo e uma década adiante (FERNANDES, SANTOS, 2009), período de circulação do jornal, não teria sido o bastante para superar essa marca. Some-se ao estranhamento explícito a linguagem por vezes debochada (“Desgracido”, era o título do perfil do empresário Sílvio Milanez, concorrente de Paulo Pimentel) e a diagramação arrojada, entre outros elementos que exigiriam dos criadores do jornal mais tempo, até vencer a resistência dos leitores, dos anunciantes e da classe empresarial, que vai ver na independência formal e intelectual do *Panorama* uma ameaça. Os “forasteiros” tinham motivos para eles mesmos terem uma “miragem”. No momento em que Londrina testemunhava as preparações para o lançamento oficial do *Panorama*, o mundo

assistia aos últimos acontecimentos da Guerra do Vietnã (1959-1975), às repercussões do Caso Watergate (1972) e presenciava os desdobramentos da Crise do Petróleo (1973), resultado imediato dos conflitos árabe-israelense.

No cotidiano, as gerações mais jovens reproduziam os discursos disseminados em 1968, pelo movimento da Contracultura, “que se apresenta como primeiro grande paradigma foi a dos anos 1960” (COELHO, 1999, p. 98-99). Mas não era o melhor dos mundos. As tensões ocasionadas pela Guerra Fria se acirraram e, para evitar a propagação de supostas revoluções comunistas, os Estados Unidos tomaram frente no apoio aos militares da América Latina. O *Panorama* nasce atento as essas tensões: em 18 meses, faria uma cobertura internacional à altura dos maiores jornais comerciais do país. Em entrevista, o jornalista Wilson Serra afirmou que “o *Panorama* assinava quase todas as agências nacionais e internacionais e se dava ao luxo de pautá-las. O jornal pedia matérias especiais e exclusivas, tal a importância que davam para o cenário internacional” (RIZZI *et al.*, 2019). Tamanho era o investimento e o escopo da cobertura internacional que o também jornalista Nilson Monteiro relatou: “Era um jornal antenado. A editoria internacional era tão viva quanto a de artes” (RIZZI *et al.* e, 2020).

O que ocorria no país não era invisível ao Eldorado londrinense. Na época do *Panorama*, liberdades individuais estavam comprometidas e movimentos de resistência se faziam presentes por meio de manifestações e produtos culturais. Os meios de comunicação eram fiscalizados, limitando a circulação de informações e condicionando os profissionais a se autocensurar (KUSHNIR, 2012). Geisel (1974-1979) prometia uma abertura política no país, mas, como destaca Gaspari (2014), a mudança ocorreria somente nos seus próprios termos. Na política paranaense, a situação era igualmente dúbia. O estado teve ministros na ditadura, em áreas como educação e agricultura.

Nesse cenário, o fundador do *Panorama*, Paulo Pimentel, é um enigma a ser decifrado. Afilhado político do também ex-governador Ney Braga, figura popular e controversa que apoiou o golpe em 64 (BATTISTELLA, 2015), Pimentel teve uma relação de altos e baixos com os presidentes militares, culminando em desavenças com Geisel, que dificultaram sua atuação política. Como empresário, tinha grande presença na área da comunicação, após adquirir múltiplos veículos locais para fortalecer sua atuação política, como a *Tribuna do Paraná* e a TV Tibagi. Conseguiu também evitar que seus veículos fossem alvo de censura pelos militares ao publicar mensagens favoráveis ao governo (SILVA, 2018).

É importante ressaltar que anos antes do surgimento do jornal *Panorama*, entre 1969 e 1974, a economia brasileira prosperava com o “milagre econômico”. Nesse período, o PIB do Brasil crescia em torno de 12% ao ano devido aos investimentos na indústria automobilística e à entrada de capital estrangeiro (HERMANN, 2005). O “milagre” chegou ao fim em 1974, ano anterior à fundação do jornal. O modelo favoreceu a concentração de renda, contribuiu para a dívida externa do país, aumentou a desigualdade social e intensificou a pobreza – principalmente nas grandes cidades.

As principais mudanças ocorridas no Paraná derivaram do desenvolvimento industrial e do agronegócio (por meio das cooperativas). A produção agrícola se expandiu principalmente nos gêneros alimentícios e de matérias primas, mas era dependente do café. Quando acontece a Geada Negra, quatro meses após a fundação do *Panorama*, o Paraná precisou restaurar e transformar sua economia baseada na monocultura. A cafeicultura é um ponto crucial para compreender as atividades econômicas e o processo de formação das cidades paranaenses. A ascensão dos cafezais foi interrompida em 18 de julho de 1975, quando os termômetros marcaram -3,2°C. A Geada Negra devastou mais de 850 milhões de pés de café, desempregou cerca de 300 mil lavadores, provocou o êxodo do campo e reduziu bruscamente o crescimento demográfico (ANTONELLI, 2015).

É possível que a crise financeira decorrente da Geada Negra tenha contribuído para o término das atividades do *Panorama*, em outubro de 1976. Em entrevista coletiva, o jornalista Wilson Serra lembrou como o período terrível impactou a redação. “Quem comprava jornal da banca deixou de comprar por falta de dinheiro. O mesmo aconteceu com muita gente que anunciava e parou de anunciar” (RIZZI *et al.*, 2019).

***Panorama* e imprensa alternativa**

Dentre os periódicos classificados como imprensa alternativa, é necessário um foco especial ao *Ex-*, devido ao número de profissionais que estavam neste jornal e foram participar do projeto do *Panorama*, retornando em seguida, por volta de abril-maio de 1975. Em sua fundação, o alternativo *Ex-* foi liderado pelos jornalistas Narciso Kalili e Hamilton Almeida Filho, ambos participantes e editores do *Panorama*. Entre suas características principais, o *Ex-* inspirou muito as formas que depois iriam ser adotadas no *Panorama*, Kucinski destaca que o alternativo tinha uso vigoroso da fotografia, ampliadas e de forte impressão. (KUCINSKI, 2003). O aspecto se repetia no londrinense. A narrativa forte e de ruptura, dando foco aos trabalhadores e aos movimentos sindicais, também estava presente. O *Ex-* sofre apreensão pela censura e o grupo que comandada vai para Londrina, onde Narciso

Kalili cria o novo diário, para o grupo do Pimentel. Consta no rodapé: “O jornal *Panorama* não teve longa vida, apesar de um projeto de alta qualidade.” (KUCINSKI, 2003, p. 130).

Rico estilisticamente, o *Panorama* pode ser considerado consequência de uma intersecção de veículos de grande influência da época, como a revista *Senhor*, que circulou de 1959 a 1964; a revista *Realidade* (1966-1976), com a inovação da linguagem escrita e fotográfica; e a revista americana *Life* (1936-2000), que soma com o espírito alternativo presente na imprensa “nanica”. Some-se que os jornais de Paulo Pimentel nasceram na esteira do jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, criado em 1951 (COSTA, FERNANDES, MARQUETE, 2016). O impresso paranaense apresenta maestria no uso de recursos do fotojornalismo, posicionando figuras populares, trabalhadores e cidadãos comuns em sobreposição com políticos e personalidades empresariais. Era uma maneira de captar a atenção do leitor diante de uma relação harmoniosa entre texto e imagem.

Apesar das técnicas editoriais, os recursos visuais e as inovações de impressão, como o processo *off-set*, o jornal não chegou a atrair os leitores londrinenses. O periódico apresentava uma posição contra-hegemônica, aumentando ainda o distanciamento entre a cidade e o veículo, quando julgava estar se aproximando. Por esses e outros motivos, a *Folha de Londrina* acaba por ser a mais aceita pelos anunciantes tradicionais, levando a uma drástica diminuição na receita comercial do *Panorama*. O jornal utilizava recursos de alto custo, com uma estrutura de grande investimento em que os lucros não superaram os gastos.

PANORAMA EM ANÁLISE

Com base em Bardin (2016), segue análise de conteúdo preliminar de duas reportagens da primeira edição do jornal *Panorama*, publicadas em série especial no dia 9 de março de 1975. A primeira parte de uma pesquisa de opinião encomendada ao Instituto Gallup e traça o perfil dos londrinenses, à moda da revista *Realidade*, pioneira no uso de pesquisas (SEVERIANO, 2013). A segunda é um perfil do empresário de comunicação João Milanez, assinada pelo escritor João Antônio, igualmente nos moldes da *Realidade*, com acento nas premissas do *new journalism*. Análise destaca a categorias “vozes” presentes nas reportagens e aproximação com jornalismo e literatura – marcas que o *Panorama* vai perseguir em sua fase inicial.

1) O que o londrinense pensa da vida?¹¹

¹¹ Link: <https://icjornalpanorama.wixsite.com/home/post/o-que-o-londrinense-pensa-da-vida>

Reportagem reflete o anseio do *Panorama* em conhecer, em profundidade, o perfil do seu público-alvo. Ainda que seja, em grande parte, descritiva, a exposição dos dados apresenta as vontades e contradições dos discursos dos londrinenses em relação às questões levantadas pelo Instituto Gallup de Opinião Pública.

Jornalismo literário ou linguagem de revista: reportagem investe em uma linguagem minuciosa e de investigação do cidadão londrinense. Segundo o texto, “foi adotado um sistema probabilístico de amostragem e os trabalhos de campo foram realizados entre os dias 28 de janeiro a 2 de fevereiro de 1975” (PANORAMA, 1975, p. 7). Matéria investiu na exposição de dados contraditórios, por exemplo: “No entanto, um total de 81% [dos londrinenses] declarou-se ‘muito feliz’ ou ‘pouco feliz’ – para no item seguinte os mesmos 81% declararem que ‘ficariam mais felizes se pudessem mudar alguma coisa na vida’” (PANORAMA, 1975, p. 8-9). Publicação flerta com características do jornalismo literário ao abordar que “o resultado mostra que há várias pedrinhas machucando por dentro do sapato” ou finalizar de forma mais aberta com “o cidadão, apesar dos pesares, gosta da sua cidade” (PANORAMA, 1975, p. 11).

Fontes ou atores sociais presentes: nesta reportagem, não houve o uso de fontes diretas, somente os quase 200 habitantes entrevistados. Ao todo, foram consultadas 192 pessoas — 100 mulheres e 92 homens — divididas entre classes A, B e C — respectivamente, 97, 63 e 32 pessoas — e de forma etária — 105 pessoas entre 18 e 35 anos e 87 com mais de 35 anos.

Qualidade editorial: o título “O que o londrinense pensa da vida?” expressa uma tensão entre o *Panorama* e a cidade. O jornalista Wilson Serra confirma: “Na primeira edição, tinha uma matéria sobre comportamento e a vida em Londrina, em que eles traçaram o perfil do londrinense como uma pessoa brega. Sempre tinha um lado puxado para o negativo” (RIZZI *et al.*, 2019). De acordo com a reportagem, 92 tabelas foram produzidas a partir dos resultados do questionário, sendo que sete integraram a reportagem na edição impressa. Os assuntos abordados por estes gráficos foram: situação econômica, qualidade de vida, vida após a morte, felicidade, consumo de jornais, insatisfações pessoais e críticas à administração da cidade. Mesmo assim, uma série de dados complementares são apresentados na reportagem escrita, também resultados da aplicação do questionário.

2) **Desgracido!** (João Antônio)¹²

¹² Link: <https://icjornalpanorama.wixsite.com/home/post/desgracido>

Em março de 1975, o *Panorama* iniciou a sua jornada com uma equipe de notáveis. João Antônio, de forma unânime, aparece como um dos principais nomes. O jornalista e escritor carioca é referência no gênero de conto-reportagem e é um dos principais responsáveis pela veia literária presente nos primeiros meses de circulação do jornal.

Jornalismo literário ou linguagem de revista: João Antônio explora características pessoais de João Milanez — fundador e proprietário do jornal *Folha de Londrina*, então concorrente do *Panorama*. A abordagem é curiosa e bem-humorada. A essência da pauta, portanto, ao perfilar o “Patrão” — como o dono da *Folha de Londrina* era amplamente chamado — expressa uma ousadia e provocação própria do jornalismo de revista da época.

Fontes ou atores sociais presentes: o primeiro parágrafo traduz expressamente a importância e o espaço de poder e influência que João Milanez: “É um pioneiro, um homem dos tempos bravos, heroicos do Norte do Paraná; é um homem conhecido e consagrado dentro e fora do Paraná. Em Londrina, até os postes e as árvores o conhecem (...)” (FERREIRA FILHO, 1975, p. 17). A descrição física realizada na sequência, por outro lado, é característica de um personagem literário, ao tornar o empresário catarinense concretamente palpável ao leitor. O escritor permite um espaço exclusivo para os comentários dos “desafetos” do empresário, figura folclórica. Em entrevista, José Trajano relembra: “O jornal que chega em sua primeira semana (...) fazendo um perfil do dono do jornal concorrente, sem agredi-lo, mas despindo-o, já foi um espanto absurdo para a cidade” (RIZZI et al. d, 2020).

Qualidade editorial: a partir de uma análise sobre os primeiros meses do *Panorama*, há indícios de que o título “Desgracido!” tenha sido uma reportagem especial planejada para gerar repercussão. Se de um lado, a pauta propõe uma ousadia própria do jornalismo realizado no eixo Rio-São Paulo, na década de 1970, de outro, busca, por meio da ironia e do confronto de opiniões, garantir o pioneirismo do periódico na cidade paranaense. João Antônio revela detalhes do comportamento de João Milanez que, a depender da interpretação, podem levar a pensamentos duvidosos a respeito da sua personalidade.

Considerações finais

Tomar contato com as edições do jornal *Panorama* e com os depoimentos dos que participaram dessa “aventura” editorial permite formular pelo menos quatro afirmativas – passíveis de mais investigações: 1) A historiografia da mídia impressa brasileira – apesar de seu conteúdo notável – ainda tem um campo vasto a ser avançado, em direção a experiências regionais importantes, cujas contribuições não foram ainda balizadas; 2) As divisões e

classificações mais comumente aplicadas nem sempre dão conta das múltiplas variantes de práticas editoriais – há casos híbridos, em que a aparência de jornalão esconde flertes com o jornalismo literário e mesmo com a imprensa alternativa; 3) Por fim, o jornalismo durante a ditadura militar se deu por meio de resistências múltiplas, na resistência da grande imprensa, na valentia da imprensa nanica, mas também em veículos menores, que defenderam a democracia em situações tão ou mais desfavoráveis; 4) Esse percurso paralelo está longe de ser banal – corre-se um risco saudável de encontrar histórias como a do *Panorama*, que em poucos meses catalisou algumas das melhores cabeças da imprensa e influenciou uma geração de jornalistas.

No que se refere ao objeto de estudo desse artigo, em particular, há de se dizer que umas tantas portas de investigação estão abertas. Uma delas diz respeito à recepção do público londrinense. Pode-se suspeitar que erraram os editores, ao subestimar os leitores da cidade ou ao tratá-los de forma paternalista. Estavam dando a eles o que “deveriam” gostar de saber. Esse suporte erro – tanto quanto a Geada Negra, a fuga dos anunciantes e a pressão de políticos, industriais e fazendeiros do Norte Paranaense, avessos àquele “elemento intruso” – pode ter abreviado o futuro de um dos mais interessantes projetos de imprensa regional brasileira. É uma baía a ser explorada. Enquanto esse movimento se forma, resta garantir ao *Panorama* um lugar que é só seu no cenário da imprensa em tempos de ditadura. Há muito o que aprender com esse capítulo à espera de ser contado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ALMEIDA, Miguel de. **Primavera nos dentes: a história do Secos & Molhados**. São Paulo: Três Estrelas, 2019.

ANTONELLI, Diego. O dia antes do fim. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 jul 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/40-anos-da-geada-negra/o-dia-antes-do-fim-0cq6bwgyf403z8w3q8e5k6ow5/>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

BARCINSKI, André. **Pavões Misteriosos: 1974-1983: a explosão da música pop no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1.^a Ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Vol. 1 e 2. 9.^a ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, Ed. 2, 1999.

COSTA, V.A.A. FERNANDES, J.C. MARQUETE, T. Pequeno inventário de um grande acervo: a coleção de fotografias, charges e recortes dos jornais O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná. **Anais do 6.º Encontro de História Regional da Mídia**. Ponta Grossa: Alcar, 2016.

EHRlich, Michel. **Educação, ditadura e ideal modernizante**: um estudo sobre a revista educação (1971-1984). Trabalho de conclusão de curso - Licenciatura e Bacharelado em História. Curitiba: UYFPR, 2005.

FELISMINO, J. A. T. **Jornal Poeira, história e memórias**. 2016 Dissertação de mestrado em Comunicação. Londrina: UEL, 2015. Disponível em:
<<http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/JORNAL-POEIRA.pdf>>.
Acesso em: 13 jul. 2020

FERNANDES, J.C. SANTOS, M.R. dos. **Todo dia nunca é igual**: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo. Curitiba: Ed. Gazeta do Povo, 2009.

FERREIRA FILHO, João Antônio. Desgracido! **Panorama**. Londrina, 9 mar. 1975. Caderno Aventura, p. 16-19.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: a segunda morte da opinião pública. São Paulo: Summus, 2020.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**: o sacerdote e o feiticeiro. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HERMANN, Jennifer. Reformas, endividamento externo e o “milagre” econômico (1964-1973). In: GIAMBIAGI, Fabio e VILLELA, Andre (Orgs). **Economia brasileira contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2.^a Ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2003.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. 1.^a edição. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre fenômenos de aculturação o Paraná. 3.^a ed. Imprensa Oficial, Curitiba, 2000.

MAURO JR., PONTE, José R. de. **Lugar de repórter ainda é na rua:** o jornalismo de Ricardo Kotscho. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!:** os últimos dias da *Última Hora* de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MOTTA, Cezar. **Até a última página:** uma história do *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PANORAMA. **O que o londrinense pensa da vida?** Londrina, 9 mar. 1975. Caderno Cidade, p. 7-11.

RIZZI, Hiago; FERNANDES, José Carlos; FRANCEIRA, Catarina; FRIOLI, Giovana; GUILMO, Milena Aíssa da Silva; MAINARDES, Luísa Lis Andrade; OLIVEIRA, Eduardo Magalhães. **Entrevistas projeto “O breve jornal Panorama.** Disponível em: <<https://bit.ly/39MIBnU>>.

RODRIGUES, Nelson. **O reacionário:** memórias e confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÁ JR., Adherbal Fortes de. **Curitiba no tempo do jazz band.** Curitiba: Artes &Textos, 2017.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade:** história da revista que virou lenda. Florianópolis: Insular, 2013.

SILVA, Tiago C. Comunicação e poder político: um estudo da família Pimentel no Paraná. **Revista Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 4, n. 2, dez. 2018. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63836>>. Acesso em 12 de julho de 2020.

STROPARO, Edélcio José. MIGUEL Maria Elisabeth Blanck. Interiorização da educação universitária paranaense: política de expansão ou real submissão aos desígnios do capital internacional? **Cadernos de História da Educação**, v. 16, n. 2, p.387-407, mai.-ago. 2017.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine:** o texto em revista. 3.^a ed. São Paulo: Summus, 1996.

ZANINI, Fábio. Dissimulada, ditadura militar criou miragem de separação dos poderes. **Folha de S. Paulo**. São Paulo 28 jun. 2020. Caderno o que foi a ditadura, p. 4.